



○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

No último número analisámos a evolução decorrida na vila fangueira desde há quinze anos a esta parte nos sectores comercial e industrial. Chegámos à conclusão de que pouco medrámos nestas vertentes, pelo menos em comparação com algumas freguesias do concelho.

Vamos hoje fazer uma referência ao sector turístico que é ou poderia ser uma alavanca do progresso da terra.

Turismo é, se bem o entendemos, toda a movimentação de pessoas que provoca arrecadação de divisas. Para sermos mais correctos, deveremos frisar que essa movimentação diz apenas respeito às viagens que se fazem em termos de lazer. Então as viagens de negócio não constituem uma forma de turismo? E as deslocções de tropas não trazem receitas para as terras que as aboletam? São duas perguntas polémicas que suscitam

respostas polémicas e que por isso deixamo-las em suspensão. Concretamente, na vila fangueira o turismo processa-se de três maneiras: ocupação de quartos e alimentação nos hotéis, refeições em restaurantes e aluguer de casas particulares. Cocomitantemente constituem receita turística todas as compras efectuadas na terra pelos interventores das modalidades acima assinaladas.

COMO VAMOS DE TURISMO?

No que diz respeito à ocupação hoteleira, dizem-nos que os índices de ocupação não evoluíram ao longo destes anos pelo simples facto de o número de camas não ter aumentado. Em termos de preservação dos edifícios, é admissível uma certa desactualização ou envelhecimento, nuns mais do que noutros, o que implica substanciais remodelações que a não se efectuarem podem gerezar o nosso parque hoteleiro, isto é, podem conduzir os hotéis

locais à situação em que se encontram os hotéis do Gerês. Bem avisados andaram os responsáveis em fazer derivar para o arranjo dos hotéis concelhios uma parte das receitas de jogo, a fundo perdido. Entendemos outrossim que tais subsídios se revelam insuficientes para se efectuarem as remodelações que são necessárias. De qualquer modo esta atribuição de verbas não deixa de ser uma medida de largo alcance para o desenvolvimento do turismo local.

Já temos dito também que Fão necessita de mais dois ou três hotéis, o que viria dar outra consistência à zona e aumentaria a nossa capacidade de resposta a certas solicitações que por vezes são feitas e que se tornam inexequíveis dada a míngua de camas existentes. Não nos esqueceremos das palavras de Rui Gomes quando

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

DR. MANOEL PAES

De pequenino que a placa colocada nas paredes do Clube Fãozense, dizendo Avenida Dr. Manoel Pais, nos provocava um certo fascínio. Não sabemos se esse fascínio era motivado pela excelência da via, com casas de certo modo estilizadas e a dar para o rio, se pelo facto de o nome, assim designado, aparecer antecedido com o título de «dr.». Então, naquela fase da vida, ser «dr.» era uma coisa muito importante. E nós interrogávamos a miúde: Quem terá sido este fulano? Ninguém nos sabia responder.

Até que, volvidos tantos anos, ao criarmos a secção de «o perfil de hoje» procurámos saber de novo quem era tal personagem, pressupondo que teria sido uma pessoa de méritos relevantes, dada a grandeza da rua que lhe foi atribuída. E por isso era justo dedicar-lhe um perfil.

Indigámos aqui e acolá, interrogámos o P.e Avelino Borda e a Miquinhas Turra que praticamente nos confirmavam que era uma figura de respeito. Mas pouco mais disseram. Na nossa ronda pelos jornais do concelho, topámos casualmente, e dizemos casualmente pois foi fora da correspondência de Fão, uma relativamente pequena notícia da sua morte. Foi



no Esposendense de 29 de Março de 1917. Sem precisar o dia certo da sua morte afirmava entre outras coisas que «o dr. Manoel Pais foi um amigo sobretudo de Fão, para onde conseguiu bastantes melhoramentos, pelo que os fãozenses lhe foram sempre muito gratos».

Quanto a ser uma pessoa *multo im-*

portante ficámos sem quaisquer dúvidas pois durante a sua doença, diz-nos o mesmo periódico, foi visitado pelo Presidente da República, isto em 1917, e no dia do seu enterro o Chefe do Estado acompanhou-o à sepultura.

Concretamente, quanto a obras em Fão, consegui subsídios para abrir a avenida que depois teve o seu nome e conseguiu verbas para outros melhoramentos que verdadeiramente modificaram a fisionomia de Fão. Pode dizer-se do dr. Manoel Pais que houve um Fão antes dele e um Fão depois dele. Digamos que Fão ficou mais arejada e urbanizada com a sua intervenção.

A pessoa que bastante o «consumiu» para carrear prebendas para a nossa terra foi o dr. Moreira Pinto e cremos que Campos Morais. Dizemos Campos Morais porque lemos num dos periódicos do concelho que pelo menos uma vez este conterrâneo o hospedou em sua casa.

Numa segunda ronda pela casa da Miquinhas, uma memória de Fão antigo, soubemos que a família do dr. Manoel Paes dispensava muita amizade a uma senhora Vieira que morava numa casa, na rua da Igreja, exactamente em frente à casa da Miquinhas. Na realidade, tivemos a oportunidade de ler no Esposendense de 23 de Julho de 1912 que «Esteve aqui (Fão) de visita à octogenária D. Maria Vieira, que se encontra doente, a Ex.ma Sr.ª Duquesa de Saldanha que, esclare-

(Continua na pág. 2)

PERFIL DE HOJE

(Continuado da pág. 1)

ceiros, era a esposa do dr. Manoel Paes.

Dizem-nos que a família do dr. Manoel Paes chegou a residir, talvez em férias, na Casa do Relógio.

É possível, mas não conseguimos confirmar tal informação.

Sabemos que apreciava muito o pão feito por duas mulherzinhas da nossa terra, que dia sim, dia não, iam, daqui a Barcelos, levar-lhe o pão cozinhado por elas. (Informação de Maria Adelaide Ribeiro (Padeira). Isto pressupõe uma certa habitualidade e um grande contacto com a vila fangueira antes da sua transferência para Lisboa.

O dr. Manoel Paes, cujo nome completo era Manoel Paes e Vilas-Boas, nasceu em Barcelos em 4 de Abril de 1842, filho de Joaquim António Pais de Vilas Boas e de Teresa Joaquim Pereira do Lago.

Formou-se em Direito em Coimbra aos 22 anos e enveredou pela carreira pública e política ao longo de muitos decénios. Foi durante muito tempo Presidente da Câmara de Barcelos tendo dotado então esta vila de iluminação pública e nela criou pela primeira vez a arborização dos seus largos.

Exerceu funções de Administrador do concelho de Famalicão e foi governador civil de Vila Real e Aveiro. Foi ainda par do Reino e deputado.

Desempenhou papel de relevo em algumas empresas estatais.

Curiosamente a influência de que dispunha no tempo da Monarquia prolongou-se depois na vigência da República. E isto porque «era um cavalheiro de porte distinto que sabia insinuar-se

fidalgamente no espírito de quem dele se aproximava recebendo a todos com carinho e com a franqueza de um homem de carácter». (1)

Estava sempre pronto a prodigalizar favores a quem o solicitasse, não deixando nunca morrer uma recomendação que lhe fosse feita. Acompanhava-a até à hora da sua concretização.

Presumimos que a ponte de Fão, concluída em 1895, tivesse resultado igualmente da sua interferência, pois estava bem colocado para isso. Queremos dizer deste modo Manoel Paes teria dado uma ajuda.

Faleceu em 17 de Março de 1917 e o seu enterro pela sua grandeza, pela quantidade e qualidade das pessoas que nele se incorporaram, expressou exuberantemente o prestígio e valor que informavam a sua figura.

(1) O Barcelense de 24 de Março de 1917.

★

ESCLARECENDO UM PERFIL

Quando apresentamos aqui o perfil do general médico dr. Eduardo de Jesus Teixeira, deixámos sem resposta a dúvida que então nos dominava sobre quem seriam os seus familiares.

Hoje podemos informar que aquele alto militar era co-irmão do industrial portuense Amândio de Jesus Teixeira, pois o pai (de ambos) havia casado duas vezes.

REPORTAGEM

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje uma visita que há dias fizemos a uma varcaria modelo e moderna de Fonteboa.

Contamos inseri-la no próximo número.

PORQUE VEM DE TÃO LONGE A MINHA MEMÓRIA?...

Por ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

No meu quarto, onde passo a maior parte do dia, alguém, muito querido, bate à porta e entrega-me dois jornais.

«Farol de Esposende», sendo o seu Director Dr. Bernardino Amândio. Este homem, não pode ficar parado. Daqui lhe envio os meus parabéns muito sinceros. Tinha apenas dez ou doze aninbos e já se adivinhava que sua força de vontade seria invulgar. Mal chegava à minha porta, logo os meus empregados diziam: está aí o «diabinho». O pequeno abria a porta, caminhava até à minha mesa, entregava-me a factura que seu tio, o saudoso João Armando tinha mandado. Por vezes eu brincava e dizia: «se não levares o dinheiro, vou para o jornal para o sítio dos caloteiros onde um cão leva os fundilhos de um dos tais?»

— Não. Isso é só para quem não paga a assinatura do jornal.

Agarrei «O Novo Fangueiro». É nele, nas suas gentes, no seu rio e mar, na sua aventura à beira rio, meninas dos meus olhos, que eu encontro ainda a razão de existir. Seria ingratidão se me esquecesse das muitas vezes que juntamente com os meus familiares (e não só! merendei no seu imenso pinhal...)

Depois de ler quase todo o jornal e de me regosijar com a notícia de melhoras da bondosa Birinha Cubelo, deixei propositadamente para o fim o perfil de Joaquim Mariz, por falar de algo que eu vivi intensamente.

Estávamos no início da campanha eleitoral. Arquitecto Magalhães, A. Agonia Pereira, Berta Anciães Monteiro, Manuel do Vale, Alcino Magalhães e outros, fomos nomeados, pela Comissão Distrital, para integramos de pleno direito, a Comissão

(Continua no próximo número)



HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE
TEL. 053 - 96 14 73/4
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m², frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m², a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; bolte com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badmington, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Óptimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

OS NOSSOS ENTREVISTADOS

①

Pelo QUIM DE FÃO

José Artur Saraiva Rainho é o actual Presidente da Benemérita Associação dos Bombeiros Voluntários de Fão. Candidato a presidente pela lista única apresentada a sufrágio em 19.12.90, tomou posse do cargo há dois meses, substituindo o Presidente cessante Abel da Costa que ocupou o cargo durante 8 anos e deixou o seu nome ligado à sala de convívio-café e a outras benemerências.

O Novo Fangueiro — Zé Artur, o que é ser Presidente de uma das mais dignas e estimadas instituições fanguieiras?

Zé Artur — Ser Presidente de uma Associação dos Bombeiros Voluntários é por si só uma honra; no meu caso sinto-me lisonjeado por me terem indicado para este cargo, sentindo ao mesmo tempo uma enorme responsabilidade por ocupar um lugar onde, antes de mim, estiveram pessoas que deram o seu esforço e fizeram desta associação a grande «casa» que ela é actualmente.

O Novo Fangueiro — Na última semana, visitou a instituição dos Bombeiros o Senhor sub-Secretário de Estado da Administração Interna. Que finalidades teve a sua visita?

Zé Artur — A visita do Senhor Secretário de Estado foi a aceitação de um convite feito pelos representantes desta Associação quando, há uns meses atrás, numa reunião em Lisboa, este membro do governo compreendeu a urgência de nos ser atribuído, o mais breve possível, o subsídio para a ampliação do nosso quartel. Durante essa reunião, praticamente informal, mostrou interesse por conhecer Fão e as nossas actuais instalações. Daí, o nosso convite e a promessa da sua visita na primeira oportunidade.

O Novo Fangueiro — Fala-se na reconstrução do quartel? O que se projecta? Que verbas? Como foi possível dar realidade a este sonho?

Zé Artur — Como é evidente, o actual quartel é insuficiente para o trabalho, que é exigido diariamente e a todos os níveis, a esta corporação. Pretendemos pois, um quartel amplo e funcional que responda às necessidades das populações que nos solicitam. Aí, saliento que se pretende, não só a normal assistência na protecção civil, mas também um sector cultural e recreativo, quer para a população em geral, quer para benefício e estímulo do nosso corpo activo, que como é do conhecimento público já vem sendo feito dentro das limitações a que estamos sujeitos. Claro que este projecto é ambicioso, exige verbas avultadas e já orçamentadas em 85.000 contos. Temos apenas o subsídio do Estado de cerca de 48.000 contos, contamos com o apoio da Câmara Municipal de Esposende, iremos realizar várias actividades lucrativas e, sem dúvida, que contamos com o apoio da população através dos familiares peditórios. Esta realidade é o resultado de um trabalho de cerca de nove anos, que se

iniciou com a procura de um terreno para um novo quartel mas que tivemos que abandonar a ideia por vários factores alheios à nossa vontade, tendo sido nessa altura indicada a solução da ampliação do quartel. Tal solução obrigava à compra da casa contígua, o que foi possível após várias conversações com os proprietários e aqui saliento a influência do Sr. Presidente da Assembleia, o falecido Padre Avelino Borda, seguida da ajuda monetária pela parte do então Presidente da Associação Sr. Abel da Costa que emprestou a quantia necessária. Mais tarde, e após vários contactos, essa verba foi-nos oferecida pela Câmara Municipal. A partir daí seguiu-se todo um processo normal culminando com a atribuição do subsídio estatal, salientando aqui os apelos, quer do Governo Civil, quer do actual Presidente da Câmara e obviamente do Sr. Secretário de Estado, como foi já referido.

O Novo Fangueiro — A guerra das ambulâncias? Que se passa? Que intenção tinha aquele comungado há algumas semanas publicado num órgão da Imprensa local?

Zé Artur — Pessoalmente, o termo «guerra» é exagerado. Há, talvez um mal entendido provocado por uma entrevista dada na Rádio pelo Presidente do Núcleo da Cruz Vermelha de Esposende, o qual será esclarecido oportunamente pelos intervenientes. A «Carta Aberta» assinada pelos Bombeiros de Fão e Esposende foi uma forma de mostrar o nosso desgosto por certas afirmações proferidas durante a entrevista.

O Novo Fangueiro — Encontraram, finalmente, a paz na guerra das ambulâncias as duas corporações do concelho — Fão/Esposende?

Zé Artur — O problema das ambulâncias Fão/Esposende foi solucionado depois de termos apresentado ao Delegado de Saúde os nossos pontos de vista, fazendo ver que estávamos a ser prejudicados na atribuição dos serviços de transporte diário de doentes, ficando acordado que esse trabalho se faria mensal e alternadamente.

O Novo Fangueiro — É difícil presidir a esta instituição? Onde vão buscar dinheiro para satisfazer as necessidades económicas dos bombeiros?

Zé Artur — É tão difícil ser Presidente como ser membro da Direcção, pois todos os assuntos são discutidos e solucionados nas nossas reuniões. Evidentemente que a dificuldade da presidência vem mais de uma mais responsabilidade, pois obriga a uma certa diplomacia no sentido da união de toda a Associação e da representatividade da mesma em actos oficiais. A associação vive dos subsídios estatais, da realização de actividades lucrativas, de apoio de alguns amigos e, essencialmente, duma boa gestão.

O Novo Fangueiro — Por que acabou o «Santoinho Fangueiro»?

Zé Artur — O nosso «arratal minhoto» terminou naturalmente, pois todas as actividades são programadas com um tempo de duração e com determinado objectivo lucrativo, o qual neste caso não foi compensador em termos trabalho/lucros, embora tenha sido uma experiência socialmente interessante.

PASTÉIS

«Se querem sempre manter uma boa saúde e um excelente apetite, use os pastéis de doce da fábrica da S.ª Rosária Clarinha. Com este delicioso manjar tem-se restituído à vida pessoas verdadeiramente arruinadas do estômago.

«É o meio eficaz para a cura da anorexia e só se vende na farmácia-doçaria da Sr.ª Clarinha. Tudo o mais que apareça com igual rótulo, servindo-se do seu nome, não passa de simples imitação.»

Nota: Este texto tirámo-lo do Esposende de 15 de Setembro de 1915. Três aspectos a considerar:

a) Naquele tempo os tão afamados pastéis não se chamavam clarinhas, presumimos.

b) O título de propriedade daqueles doces pertencia à família da Sr.ª Rosália Clarinha.

c) Dantes, como agora, havia muitas imitações e, se calhar, mais perfeitas que os originais.

Uma dúvida: Afinal foram os pastéis que deram o nome às Clarinhas, ou estas é que deram nome aos pastéis?

(Sr. Carvalho: esteja calado que esta propaganda é de borla!)

EM FRANÇA

Em casa de seus familiares, em França, encontra-se o nosso amigo Zé Barbeiro acompanhado de sua esposa. Boa estada e bom regresso.

PARTIDO SOCIALISTA

No dia 24 de Fevereiro realizaram-se as eleições dos corpos gerentes da Secção de Esposende do Partido Socialista.

Ficou a presidir à Comissão Política Concelhia o dr. Juvenal Silva. Como Presidente da Assembleia Geral manteve-se o dr. Armando Saraiva.

FALECIMENTOS

Em fins de Fevereiro faleceu na sua casa em Fão Emídio Ferreira Morais, com 78 anos de idade.

Natural de Fonteboa, partiu muito novo para o Brasil e de lá regressou e acabou por casar e morar em Fão.

Foi sob o seu impulso que a Farmácia Higiénia recebeu galões de «cidadina».

Que descanse em paz.

★

Ainda no mês de Fevereiro desapareceu do número dos vivos o nosso conterrâneo José Carneiro. Foi um emérito pescador e, quando veio o Ofir, tornou-se banheiro. Para muitos era até conhecido pelo Zé Gomes Silva (Banheiro).

Nos últimos anos cedeu o lugar, talvez porque a doença já o apoquentasse.

As famílias enlutadas os nossos pêsames.



A fachada do futuro quartel

DE APÚLIA

MIMOSAS EM FLOR — São lindas no seu amarelo triste, na sua imensidão de cor. E não é preciso ir a Viana para alegrar os sentidos, e a alma, com a grandeza maravilhosa do seu colorido. Temo-las aqui, mesmo ao sair da porta. Das «Pedrinhas» à «Bonança», nas duas margens da estrada da praia, ou mesmo por entre os pinheiros, elas, aos milhares, foram um jardim selvagem de impressionante beleza, num autêntico bino de louvor e graças à Natureza e à Primavera. Aquela estrada, agora, é curta e agradável, para muitos dos que diariamente se deslocam por ali. Pelo prazer dos sentidos. Pela quietude e paz, e pela beleza do seu colorido.!!!...

ESTRADA DA COLÓNIA — Não sabemos se a Junta de Freguesia tem condições materiais para o fazer. Mas aqueles 300 metros de estrada, da Colónia para Sul, até à «Ramalha», mereciam de há muito um pouco mais de interesse da Autarquia. Se não fôr possível no imediato calcetar ou alcatroar aquela importante via de comunicação, ao menos, antes do Verão, acabe-se com as covas, as lombas e os buracos, nem que seja com sabão ou pedra moída das pedreiras.

E proíba-se (actuando drasticamente), o lançamento nas suas bermas, dos lixos e dos objectos sem servidão, como frigoríficos, colchões, partes de carros velhos, etc... Mas às vezes, também por lá se vêm montes de cebola espigada, batata apodrecida, animais mortos...

E ali, ao lado, a 50 metros, é a praia, são os moínos, é o mar, são as dunas, por onde, na época estival, se espalham milhares de banhistas.

FUTEBOL EM APÚLIA — Depois de três vitórias seguidas, Marinhas e Realense, em casa, o Lagense, fora, o Apúlia já pode respirar melhor. Neste momento, já está um pouco acima do meio da tabela, com 20 pontos, o que o coloca já acima da linha d'água, do perigo da despromoção.

No Domingo, 10 do corrente, visita-nos o Merelim, uma equipa com tradições a nível regional, que lidera a sua Série do Campeonato da 1.ª Divisão Regional de Braga, e que, normalmente, é servida por jogadores de bom nível. Veremos o que nos reserva esse de-

safio, talvez o mais importante da jornada.

Entretanto, face à chantagem de alguns atletas, de Braga, que por isso tiveram de abandonar o Clube, a Direcção de imediato conseguiu a contratação de 3 ou 4 jogadores de boas credenciais, como são os casos do Paulo Sérgio ex-atleta do Apúlia, de Circa, do Esposende, e de um avançado oriundo de Vila do conde.

Fosse ou não por isso, os resultados melhoraram e são francamente animadores.

Entretanto, está para breve a colocação das novas torres de iluminação do Campo de Jogos, iluminação que se afirma, ficará ao nível das melhores do concelho, e que importará em muitos milhares de contos.

O LITORAL APULIENSE — A orla costeira das «Pedrinhas» tem sofrido grandes estragos e destruições, desde que foi construído aquele esporão (enorme) no volta da «Salgueira». O mar, na sua fúria, já destruiu muitos metros de duna, já levou muitos milhares de metros cúbicos de areia, já destruiu casas, e não vai ficar por aqui. Apesar de se terem construído paredões de defesa a toda a pressa, os resultados estão bem à vista de toda a gente.

A Praia das «Pedrinhas», como tal, está praticamente destruída. E amanhã será a vez da de «Cedovem», ou a do «Furado», se se vier a construir o esporão numa ou noutra daquelas duas primeiras.

ARRANJO DO LARGO DA SENHORA DA GUIA — Fala-se que a Junta de freguesia quer tornar ainda mais acolhedor o Largo da Senhora da Guia, a denominada «sala de visitas de Apúlia», implantando mais jardins e reduzindo a parte cimentada, nos dois lados da Avenida da Praia.

A medida parece-nos merecedora da aprovação dos apulienses. É acertada, por que vai alargar o espaço ajardinado daquela Praça, e «roubar» ao campo de futebol ou pista de ciclismo, tão do agrado dos mentirosos grandes.

D. MARIA EMILIA MARIZ FIGUEIREDO — A notícia, podemos garanti-lo, foi recebida com alegria em toda a Apúlia. A senhora D. MARIA EMILIA MIRANDA MARIZ FIGUEIREDO, é uma figura pública da nossa terra, respeitável e respeitada, e não só por ser rica. Todos os apulienses sabem isso.

Pois essa Ilustre Senhora, passados 18 anos de casada, deu à luz numa clínica da cidade do Porto, uma robusta criança do sexo masculino, facto que foi, para si e seu marido, o presente mais desejado.

A senhora D. Maria Emília, esposa do Senhor Alberto Queiroga Figueiredo, Presidente da Câmara de Esposende, já tinha dois filhos, que adoptara, não há muito tempo.

Muitos parabéns para a feliz Mamã, e felicidades para o mais júnior dos Figueiredos...

O MUNDO EM QUE VIVEMOS

por E. REAL

CORAÇÃO NOVO

O facto chegou ao nosso conhecimento em Janeiro, quando o Novo Ano trazia já consigo os fantasmas ameaçadores de novas guerras, das formas dramáticas e massivas, da agudização do problema da camada de ozono e de tantos outros.

Por isso este caso aparece-nos como uma mensagem de solidariedade e de esperança, e como tal aqui o deixamos:

Foi em Espanha. Um bebé de poucos meses morreu. Outro, sensivelmente da mesma idade, está prestes a perder também a vida devido a uma malformação do coração. Só um transplante de outro coração o poderia salvar.

Os pais do bebé morto choram a sua dor quando lhes é dado conhecimento da situação angustiada da outra criança.

Houve alguém (cujo nome não nos ocorre de momento) que escreveu: — «Faz da tua dor um poema». Pois estes pais magoados fizeram o mais belo dos poemas de fraternidade e de generosa doação: autorizaram o transplante do coração do seu filhinho para que o outro menino se salvasse.

A operação fez-se. O pequenino paciente recuperou.

Mais tarde, já fora de perigo, os pais foram com ele agradecer aos outros pais, menos felizes que eles, mas a cuja dádiva e ausência de egoísmo deviam a vida do filho.

Eles receberam-nos, tristes e dignos no seu luto, mas corajosos e resignados.

E estamos certos de que deve ter sido um bálsamo para a sua dor sentir que o seu filho não tinha morrido completamente. Ele continuava, de certo modo a viver através do seu coraçãozinho, que bate compassado e feliz, no peito daquele bebé rosado e alegre que, sorrindo-lhes confiadamente, sorri à vida.



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ



balco

• SISTEMAS DE CONTROLO. ALINHAMENTO E EQUILIBRAGEM DE RODAS

AS MELHORES CONDIÇÕES DE PAGAMENTO - CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST
ALTA TECNOLOGIA EM EQUIPAMENTO PARA GARAGENS

Visite as nossas Exposições:

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 69 61 05-69 10 18-6 37 48 — FAX 687385
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1693 — TEL. 759 72 04 — FAX 7597206

A BRASILEIRA
PORTO



Nós somos café

PÁGINA JOVEM

PAUSA PARA SORRIR

Olá, jovens! Cá estamos uma vez mais a contactar convosco; é o primeiro mês deste terceiro ano da vossa página e continuamos a receber a vossa colaboração com muito agrado. continuem! Mandem mais!

A EXPLORAÇÃO

Por ROSA MARIA A. COSTA

E lá estava eu sentado no banco do jardim, sem nada ter para fazer. Era outro daqueles dias monótonos de Outono. Se, ao menos, eu ainda estivesse no Brasil, não me faltaria que fazer: ir à praia, à pesca, fazer explorações pelo interior das florestas, descobrir grutas, etc. Ai! As grutas que eu descobri! Umhas grandes, outras pequenas, algumas ainda intactas das mãos dos homens, com estalactites tão longas que pareciam troncos de árvore suspensos do tecto da gruta.

Ainda me lembro daquele minha aventura quando tentei ir mais longe numa das grutas que tinha descoberto, pois estava certo de que ela era muito grande.

Abasteci-me de mantimentos e resolvi tentar a sorte, indo explorar essa gruta. Fui-me afastando cada vez mais da entrada, da «porta principal», pois tinha a certeza de que havia mais saídas além daquela.

Não tinha, porém, pensado que a gruta poderia ser um labirinto. (Cada vez que me lembro, ainda sinto arrepios!).

Lá continuei com a minha exploração, fixando bem todos os pormenores para depois saber o caminho de regresso, no caso de não encontrar outra saída.

Tudo lá dentro era magnífico, muito belo.

(continua)

O CRIME DO HOMEM

Por MARTA

*O Homem era um feio bicho.
Não por fora, mas por dentro.
E era ingénio e ganancioso.
Era corrupto e destruía tudo à sua volta.
Destruía-se a si.*

*Agora, agora está preso.
Preso na eternidade dolorosa,
Sem Mundo,
Rodeado pelas grades do remorso
E apunhalado pelo sentimento de culpa.*

*E pensa agora,
Não no seu dinheiro, no seu poder,
Mas no céu, no seu lar,
Na sua areia branca,
Na conversa da chuva,
E na companhia dos pássaros.
E sabe que o Homem não pensava.
E que, entre o Paraíso e o Inferno,
Escolheu o Sofrimento.*



Antes de mais nada, uma correcção: na primeira anedota do mês passado, onde, por «gralha» tipográfica, se lê: «Comentário do embaixador», deveria estar: «Comentário do examinador».

Um indivíduo embriagado cambaleia, a caminho de casa. A certa altura, o chapéu cai-lhe, devido ao vento, e fica no chão.

O homem segue, sem fazer um gesto para o apanhar. Um outro sujeito que passava, interroga-o, admirado:

— «Então o senhor vai-se embora e não apanha o seu chapéu?»

Resposta do embriagado:

— «É que se eu me curvar para apanhar o chapéu, caio, e depois o chapéu não me pode levantar a mim!»

Uma senhora pergunta à cabeleireira:

— «Diga-me, por favor, o cabelo cresce mais no Verão ou no Inverno?»

A cabeleireira responde:

— «No Verão».

— «E porquê?» — insiste a senhora.


— «Porque no Verão os dias são mais compridos» — responde a cabeleireira.

ESPERA

Por OIDNAMA

Espera
Desespera
E é nessa espera
Que se espera
Que se espera
Valha a pena
Que se espera.
Desesperamos
Barafustamos
Mas confiamos
Que a espera
Que esperamos
Valha muito.
Vale muito quem amamos.

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

Impetus 



Conclui-se que «O Novo Fanguero» é lido e relido de ponta a ponta...



A Folha Agrícola em «censura»

TECIALGO

TINTURARIA E ACABAMENTOS TÊXTEIS

R. SENHORA CAMPANHÃ — 4000 PORTO
TEL. 572829 - 567022 - 572574 — TELEX 23392 — FAX 5100734

Somos possuidores da Melhor Técnica
de Serviço a nível Europeu

Possuímos secções equipadas
com o que há de mais evoluído

- TINTURARIA DE MALHAS E TECIDOS
- ACABAMENTOS RÁMULAS
- CALANDRAS
- MERCERIZAÇÃO DE MALHA
- COMPACTAÇÃO DE MALHAS
- CARDAÇÃO — MALHAS E TECIDOS
- LAMINAGEM — MALHAS E TECIDOS



O CARNAVAL EM FÃO

De há três anos a esta parte a Associação dos Bombeiros local habituou os habitantes de Fão a realizar, na terça-feira de Carnaval, à noite, um mini-cortejo em que era parodiado um acontecimento surgido na terra de que pela sua imperfeição fosse passível de críticas. O ano passado, por exemplo, a distribuição de casas do Bairro Social, atacada por muitos e sobretudo pela «oposição», mereceu honras de figurar como tema principal desse já referido número surpresa.

Ora este ano já todo o mundo estava à espera que sáisse «qualquer coisa» na terça-feira de Entrudo, e essa expectativa foi coroada de êxito, pois, como nos demais anos, o cortejo nocturno saiu para as ruas. No entanto, os Bombeiros da vila fangueira, que por mor dos resultados conseguidos nas últimas eleições locais, deixaram de ser «contra-vapor» à autarquia local, foram escolher um mote longe da cena local mas antes situado nesse mirífico Golfo Pérsico. Com efeito, o cortejo deste ano meteu muitos árabes com o tradicional véu, meteu ainda um camelo de papel e muitas fardas de tropa. Será que a miscigenação de figurantes constituía um apelo à confraternização universal? É possível. Os habitantes de Fão vieram para a rua, muita gente de fora compareceu e até provocaram um engarrafamento monstro nas ruas da nossa terra nortenha.

O tema não satisfaz totalmente a curiosidade das gentes locais. Preferiam antes um tema de índole caseira.

Mas o Carnaval fangueiro pegou de estaca. Embora as escolas locais tivessem desistido de organizar um curso no domingo de Carnaval, como vinha sendo costume, este acabou por surgir na referida data, com o patrocínio dos Bombeiros locais, sempre eles, e uma denominada Frente de Libertação do Ramalhão. Houve dois cursos que se juntaram à mesma hora e se passearam conjuntamente nas ruas da vila fangueira. Os carros alegóricos, que eram bastantes, comportavam «charges» à vila local, ao Salão de Catequese, hoje em fase de remodelação, ao jornal O Novo Fanguero, à Junta e outras instituições locais.

Muito povo se juntou na freguesia. Com o frio danado que se fez sentir ninguém arredou pé. O Carnaval em Fão veio para durar.

PARA O BRASIL

De visita a seu irmão Jesus Viana, deslocaram-se ao Brasil os manos António e Belmiro Viana. Vai estar lá cerca de um mês.

Apetecemos boa estada e que tragam boas e muitas notícias dos nossos trabalhos que naquela terra trabalham.

ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

(Continuado do número anterior)

A coluna iniciou a sua marcha em direcção a Kibaxe mas, decorridos poucos quilómetros, chegámos ao desvio que dava acesso à Roça Almerinda. Eu já tinha pedido ao comandante para irmos ver o que se teria passado com a família Setrós, mas este, alegando que o tempo escasseava, foi de opinião que se deveria deixar isso para o dia seguinte. Só que eu e o Orlando insistimos tanto que o comandante acabou por ceder. Mandou apenas um jeep com alguns militares. Eu, o Machado e o Orlando fomos no jeep da fazenda Maria Helena, conduzido pelo Neves. O grosso da coluna ficou à nossa espera na estrada. A Roça Almerinda ficava a cerca de 5 quilómetros; a meio ficava a Roça Santo Onofre, que na ocasião não tinha nenhum branco. Por essa razão passámos na Roça sem parar, pois o objectivo era acudir aos brancos. Pouco mais adiante encontrava-se o pequeno rio Melombo e sobre ele uma pequena parte de paus da mata. Com muita precaução conseguimos atravessá-la. A partir daí a picada subia ligeiramente até alcançar um alto, de onde se avistavam as instalações da Roça Almerinda. Ao mesmo tempo, reparámos que alguns indígenas, ao darem pela aproximação de dois carros, fugiam das instalações e refugiavam-se na mata. Depressa alcançámos a residência. Percorremos todas as instalações mas não encontramos ninguém. Chamámos para o caso de estarem refugiados na mata, mas ninguém respondeu. Os mortos não falam. O tempo era pouco e tínhamos que regressar, até porque os efectivos que ali se encontravam eram insuficientes para empreender uma busca pelo interior da mata. Se isso tivesse sido possível, certamente que encontraríamos ali bem perto os corpos horrivelmente mutilados do casal e de seu filhinho de dois anos. Dirigi-me ao Orlando e disse-lhe: Neste momento nada mais podemos fazer, é possível que o seu irmão esteja escondido na mata e não nos ouça. Vamos ver se conseguimos vir cá amanhã. Estas palavras eram pronunciadas com angústia e sem convicção, pois não restavam dúvidas de que estariam todos mortos.

O calor daquele dia castigava impiedosamente todos aqueles que por força das circunstâncias tinham que se expor ao sol.

Regressámos e juntámo-nos aos nossos companheiros que nos esperavam na estrada. Quando chegámos novamente ao rio, parámos para beber água. Enquanto uns bebiam, os outros vigiavam. O Neves, por sua vez, tirou a pistola do bolso e pousou-a sobre uma pedra. Baixou-se para beber. Em seguida, com as mãos em forma de concha, recolhia a água e jogava-a ao rosto, manifestando a sua satisfação pela frescura. Completamente saciados subimos para os carros e partimos.

Ao chegarmos, o comandante Robles veio ao nosso encontro perguntar o resultado da expedição. Quando estava a ser informado, o Neves lembrou-se de que se tinha esquecido da pistola, em cima da pedra quando tinha ido beber água. Imediatamente dá volta ao carro. Eu e o Machado saltámos para o carro e seguimos sózinhos à procura de recuperar a pistola. O comandante ficou boquiaberto. Depressa alcançámos o rio. O Neves saiu do carro e correu para o local onde tinha deixado a arma. Esta encontrava-

-se no mesmo local. Apoderou-se dela e correu para o carro rapidamente. Apercebemo-nos de que não estávamos sós. Alguém através da mata, tentava aproximar-se enquanto se manobrava o carro. Eu e o Machado disparámos as armas na direcção da mata enquanto que o Neves acelerava o motor e rapidamente nos afastamos dali.

Ao chegarmos à estrada, os nossos companheiros que tinham ouvido os tiros estavam preocupados. O comandante disse ter sido uma imprudência, e que futuramente, ninguém se ausentaria da coluna sem sua autorização.

O Sol no horizonte era um aviso que o fim do dia se aproximava e como tal não havia tempo a perder. Tínhamos que partir para Kibaxe o mais rápido possível.

As valas na estrada tinham sido tapadas quando na nossa ida para cima. Não havia sinais de que tivessem sido novamente abertas. As árvores estavam cortadas e desviadas da estrada tal e qual as tínhamos deixado na noite anterior. Portanto tudo correu normalmente até chegarmos a cerca de 10 quilómetros do Rio Dange. Avistámos aí um camião parado e abandonado. Era curioso, pois na véspera quando a coluna seguiu para cima, não existia ali nenhum

carro. Ao chegarmos próximo, descemos para ver o que se passava.

Reconbeci logo o camião como sendo aquele em que seguia o Alberto e que na noite de 15 para 16 tinha ficado junto do acampamento dos trabalhadores, junto ao desvio de Kibaxe.

Como não encontrámos os seus ocupantes, continuámos viagem, rumo a Kibaxe. Atravessámos o Rio Dange sem problemas, e continuámos até ao acampamento, onde parámos, e perguntámos pelos ocupantes do camião.

Eles responderam que naquele dia da manhã tinham resolvido continuar a viagem para Carmona, alegando que, como a tropa já tinha seguido para cima, não deveria haver problema e partiram. Olhámos uns para os outros como que a interrogarmo-nos se seriam mais dois a aumentar o número de mortos.

Ao chegarmos a Kibaxe, os habitantes da Vila vieram para a rua. Todos queriam saber novidades. Porém as expressões dos que chegavam eram de tristeza e não lhes apetecia falar, nem tão pouco tinham nada para contar. Aqueles que ali estavam e procuravam os seus familiares, continuavam a não saber o fim que tiveram.

O comandante dirigiu-se à Administração para falar para Luanda e os civis procuravam onde comer alguma coisa e lugar onde pudessem descansar um pouco.

CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS CIVIL, PREDIAL E COMERCIAL DE ESPOSENDE

«BENTO & COMPANHIA, LIMITADA»

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE - N.º de matrícula 00149 - N.º de identificação de pessoa colectiva 501 230 130 - N.º de inscrição 00002 - N.º e data de apresentação: 02 - 91/02/08

MARIA DO CÉU NEIVA PORTELA, Conservadora Destacada, CERTIFICA, que foi aumentado o capital social de 200.000\$00 para 1.200.000\$00, sendo o reforço de 1.000.000\$00 em dinheiro, subscrito pelos sócios Alexandre Ilídio Rocha de Sá e Valdemar Cândido Saraiva Gomes da Costa, tendo em consequência sido alterado o artigo 3.º e ainda alterados os artigos 1.º, 5.º e adicionado o artigo 7.º, do respectivo contrato os quais ficaram com a seguinte redacção:

ARTIGO 5.º

1 - A Gerência da sociedade, dispensada de caução e remunerada ou não, conforme fôr deliberado em Assembleia Geral, pertence ao sócio ALEXANDRE ILÍDIO ROCHA DE SÁ, que, desde já, é nomeado gerente, sendo suficiente a sua assinatura para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e representá-la em juízo e fora dele, activa e passivamente.

2 - Nos poderes de gerência estão incluídos os de comprar, vender e permutar veículos automóveis e outros bens móveis, bem como o seu aluguer.

3 - É expressamente proibido ao gerente obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos aos negócios sociais, designadamente em letras de favor, fianças, abonações e semelhantes, o qual responderá perante a sociedade por todos os prejuízos que desta forma lhe causar.

ARTIGO 7.º

Os lucros líquidos disponíveis, apurados em cada balanço, serão ou não distribuídos, conforme fôr deliberado em Assembleia Geral.

O texto completo do contrato, na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE ESPOSENDE, aos 25 dias do mês de Fevereiro de 1991.

A conservadora Destacada,
a) Maria do Céu Neiva Portela.

ARTIGO 1.º

1 - A sociedade adopta a firma «SÁ & SARAIVA - HOTELARIA, LDA».

2 - A sua sede é na Rua de Timor, freguesia e vila de Fão, concelho de Esposende.

3 - A sede social poderá ser transferida para outro local do mesmo concelho ou de concelhos limitrofes, e serem criadas filiais, agências e sucursais, onde e quando o entender, através da gerência, por simples deliberação da Assembleia Geral.

4 - A sociedade teve início a partir de nove de Dezembro de mil novecentos e oitenta, data da sua constituição.

ARTIGO 3.º

O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de MIL E DUZENTOS CONTOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de seiscentos contos, pertencendo uma a cada um dos sócios.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

nos disse, um ano antes de morrer, que Ofir foi sempre uma zona muito procurada.

O reforço da capacidade hoteleira de Ofir atrairia mais turistas e obrigaria ou enseria outras infra-estruturas que seriam por sua vez outros factores de atracção. E depois, assim como em termos económicos se diz que dinheiro faz dinheiro, em turismo, gente, muita gente, atrai mais gente.

Dizia-nos o saudoso Constantino Araújo que quando lá fora se aproximava dos balcões das transportadoras, logo lhe diziam: Ofir apresenta sempre todos os anos a mesma coisa, três hotéis e nada mais ou pouco mais.

Em termos de gastronomia verifica-se um dado novo: na zona da praia foram criados três novos restaurantes que funcionam igualmente como cafés e como outros tantos meios de diversão, com conseqüências impensadas: fixaram mais os ocupantes dos hotéis e tiveram o condão de atrair para aqueles lados quer os próprios habitantes da vila quer os banhistas que passaram a privilegiar a praia para os seus passeios nocturnos. É claro que Ofir também é Fão mas os seus habitantes banzam-se todos por verem as ruas da terra desérticas em pleno verão. Não há dúvida que podem usar o slogan já muito estafado mas agora com muita propriedade: «dantes é que era bom».

Bem avisados andaram aqueles que resolveram criar esplanadas juntas aos seus estabelecimentos no interior da vila. De certo modo constituíram um travão ao

êxodos dos veraneantes para fora do centro.

Há outro fenómeno curioso: é o facto de a nossa praia ter apresentado maior número de barracas e em contra-partida apresentar menor número de banhistas no interior da localidade. Os quartos alugáveis não têm sido todos ocupados. Isto tem acontecido nos últimos anos. A explicação deste aparente paradoxo reside, segundo alguns, na existência das torres de Ofir que albergam hoje pessoas que dantes seriam eventuais ocupantes das casas de Fão. Dizem-nos ainda alguns outros que certas famílias, de Barcelos, por exemplo, outrora permanentes na terra de Fão em quantidade e qualidade, hoje, com o seu automóvel, vão e vem todos os dias, sem

necessidade de fixação. Mas, objectam-nos uns terceiros, «Apúlia regorgita de banhistas».

Certo. Mas a gente que vai para Fão não é a mesma que frequenta a Apúlia e vice-versa. Fão é visto com certos pergaminhos que teriam existido outrora e ainda se mantém no consciente colectivo das gentes próximas, quiçá por obra e mérito dos hotéis. Para esta desertificação banhística acima apontada, entendemos que o encerramento dos Amigos de Fão teve igualmente a sua quota parte.

É possível que num futuro próximo uma certa pacatez, uma certa calma, o tal «atraso» que permite uma certa preservação, constituam factores de atracção para pessoas que privilegiem a qualidade em vez da quantidade. Então seremos um polo turístico importante.

Optica
Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.

BRAGA.

GABINETE DE CONTACTOLOGIA

SEDE: Rua da Misericórdia, 6 - 12 - Tel. 75777

FILIAL: C. C. Granjinhos, Loja 518 - Piso 2 - Tel. 612933

4700 BRAGA

CANTO FLORIDO

USE E ABUSE

Tendo já sido referido a influência negativa sobre a pele de alguns elementos climáticos — o vento, o sol — e duma alimentação desequilibrada, mencionar-se-ão as necessidades de hidratação e protecção da pele seca.

Este tipo de pele, preguiçosa, com falta de sebo, de aspecto claro e liso, pede para ser cuidada e vigiada, usando e abusando de óleos, cremes e leites apropriados, para, em primeiro lugar, uma boa limpeza, em seguida, tonificá-la (uma das operações com maior importância) e tratá-la.

Todos os cuidados são poucos com este tipo de pele tão sensível, daí que, de manhã e à noite, deve-se fazer a limpeza e a desmaquilhagem com um leite de óleos de germen de trigo e amêndoas doces; em seguida um tónico para resultar uma limpeza mais completa, eliminando assim todos os resíduos, além de ser também um estimulante.

Durante o dia deve-se usar um creme para protecção, sendo uma base de maquilhagem. Cera e óleo de arroz têm um poder de antidesidratante, restituindo uma maior elasticidade.

Ao deitar, após uma boa limpeza de pele, um creme de noite é aconselhado para estimular e acalmar durante as horas de sono.

Óleos de germen de trigo e de milho, extractos de arroz e de catândula, óleo de alecrim (é de realçar o seu efeito estimulante e tonificante). — São ingredientes essenciais para um bom creme caseiro, aplicando-o como qualquer outro creme comercial.

Bastam algumas gramas (cerca de 10 gr para os óleos e 1 gr de essência de alecrim) e talco suficiente para fazer uma pasta mais consistente.

Assim surge um bom creme natural, pronto para colocar num boião e começar a aplicá-lo.

VALENTINA BARBOSA
Ilustrações: JAIME GUIMBRA



FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



ALGUNS ASPECTOS DA REGA GOTA-A-GOTA

Salinidade

A salinidade da água de rega é um importante factor a ter em consideração quando se deseja irrigar qualquer terreno.

Pode avaliar-se a salinidade de uma água, fazendo a determinação dos diversos sais nela dissolvidos, mas utiliza-se com mais frequência a medição da sua condutividade

eléctrica, relacionada directamente com a quantidade total de sais; não se vai, todavia, desenvolver aqui este assunto, que dada a sua complexidade, fica fora do âmbito deste livro.

No entanto, este sistema permite regar com águas que não podem ser utilizadas com outros. Isto é, devido não só à diferença de movimentos de sais no solo peculiares a cada método, como ainda ao facto de neste método de rega não ser humedecida a parte aérea da planta, ao contrário do que se verifica na rega por aspersão, em que os tecidos são queimados devido à toxicidade da água.

Nos métodos clássicos verifica-se, normalmente, ser a distribuição de sais uniforme no solo durante a rega, e dá-se a sua ascensão posterior de zonas mais profundas para zonas mais superficiais, sendo a planta afectada através do seu sistema radicular. No método de rega gota-a-gota não se verifica este último problema, visto as maiores concentrações de sais ocorrerem, fora da zona dos sistemas radiculares, na periferia das manchas e das bolsas humedecidas, nas zonas mais profundas e entre gotejadores. Além destes movimentos verticais, existe junto ao gotejador, um movimento das zonas de humedecimento para a periferia, havendo uma lavagem constante das zonas exploradas pelas raízes que contraria a acumulação de sais.

As concentrações de sais são muito inferiores na zona do sistema radicular, visto esta zona estar a ser regada quase continuamente, mantendo-se a humidade do solo praticamente constante e com valores próximos da capacidade de campo; isto, evidentemente, ao regar-se diariamente o que é necessário sempre que se utilizem águas salinas. O sal, que ficará retido à superfície do solo e na periferia da bolsa humedecida, poderá desaparecer posteriormente à campanha de rega, por lavagem pelas águas das chuvas

do Inverno, desde que haja um adequado sistema de drenagem natural ou artificial; se assim não for, poderá haver o perigo de não ocorrer essa lavagem e é de temer os efeitos acumulados da salinidade.

Deve-se principalmente ao problema da salinidade o grande desenvolvimento da rega gota-a-gota no Algarve quer em novos regadios, quer em substituição de outros, nomeadamente regadios por aspersão, devido ao facto de as águas algarvias serem frequentemente de má qualidade.

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Adubos Químicos • Insecticidas
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •
Importador Exportador

SEDE
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 PÓVOA VARZIM
FILIAL
R Filipa Borges ☎ 812199 BARCELOS

Fertilização mineral

Nos terrenos irrigados gota-a-gota, poderá a fertilização mineral ser efectuada, simultaneamente, com a rega (fertilização mineral), beneficiando o agricultor, quer na diminuição de mão de obra, quer na uniformidade de distribuição do adubo e sua economia e eficácia.

Em trabalhos realizados na Austrália, verificou-se que a eficácia da fertilização mineral azotada, na rega gota-a-gota em relação à que se verificava na rega por aspersão e de pé, para as culturas da vinha, tomate, pepino, algodão, tabaco e laranjeiras era, respectivamente de 30% e 50%, 37% e 44%, 30% e 50%, 43% e 55%, 33% e 46% e 40% e 55% (segundo informação verbal de POGRELL).

A fertilização mineral pode ser realizada em circuito aberto ou fechado (BELTRÃO, 1975).

a) — Circuito aberto (figura 8)

Utiliza-se um recipiente aberto, que poderá ser por exemplo uma selha ou um barril em que se deita o fertilizante. Este recipiente é colocado junto ao grupo moto-bomba e é alimentado de água da tubagem de compressão da bomba, através de um tubo munido de válvula. A água, misturada com fertilizante, passa através de um tubo, também munido de válvula, para a tubagem de aspiração da bomba, sendo por esta aspirada e bombeada para a tubagem principal da instalação, seguindo-se-lhe os ramais secundários, saindo para o terreno através dos gotejadores. As duas válvulas são

(Continua na pág. 10)

Basta[®]

a melhor alternativa


Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o
Departamento de Agricultura da
Hoechst Portuguesa S.A.

	MEM MARTINS	PORTO
TELEFONE	921 21 80	66 70 51
TELEX	16 380	22 706
FAX	922 25 77	69 05 70
MORADA	APARTADO 6 2726 MEM MARTINS CODEX	APARTADO 1041 4101 PORTO CODEX

Hoechst - um amigo
na agricultura

Hoechst 
Cap. Soc. 1.200.000.000.000 Com. Reg. Com. Entre n.º 142

(Continuado da pág. 9)

reguladas de forma a atingir-se o equilíbrio hidráulico no recipiente.

Utiliza-se um adubador específico de fertirrigação mineral gota-a-gota que tem a vantagem de a adubação poder ser fraccionada em pequenas quantidades (diárias, semanais, etc.) distribuídas durante um período mais ou menos longo.

Para isso as concentrações de saída de adubo e água variam geralmente entre 1/2000 e 1/50, reguladas através de válvula-parafuso. O funcionamento de um dos tipos mais utilizados é baseado no princípio do deslocamento, conforme o esboço apresentado. A água desloca-se gradualmente o concentrado existente dentro do depósito do adubador até que esteja cheio de água pura. Durante a fertirrigação a água e o concentrado não se misturam excepto quando o adubador for fortemente agitado. Depois de esvaziado de concentrado (ou cheio de água pura) deve ser

despejado e novamente carregado. Para se carregar enche-se o depósito com o concentrado (adubo + água), sendo este muito bem diluído, deitando-se depois um corante estável. Fecha-se em seguida o adubador, desferra-se este através de uma válvula, regulando-se a cabeça conforme a concentração desejada. A água aspirada pela bomba entra pela cabeça do adubador para o depósito, sofrendo o concentrado uma sucção, saindo pela cabeça do adubador. O corante aplicado tem como objectivo indicar o nível do concentrado através de um visor de vidro ou plástico transparente.

Existem ainda outros adubadores, de grande precisão, designados por injectores de adubo ou bombas de injeção de adubo, funcionando em circuito aberto ou fechado, podendo trabalhar com a pressão da água de rega; a quantidade do líquido fertilizante é controlada automaticamente por uma válvula, que pára o circuito, logo que o fertilizante é totalmente injectado no sistema de irrigação.



Na fertirrigação mineral gota-a-gota calcula-se a quantidade de fertilizante a aplicar em cada rega, através da fórmula seguinte:

$$A = \frac{c.a.N}{e.100}$$

em que

A = quantidade do adubo a aplicar em cada rega, em Kg.

c = compasso dos gotejadores em m2

a = quantidade do nutriente a aplicar em Kg/ha

N = número de gotejadores em trabalho simultâneo

e = concentração do nutriente existente no adubo, em percentagem.

Esta fórmula pode ser substituída pela seguinte

$$A = \frac{c.a.l.n.}{e.100}$$

em que

l = número de linhas gotejadores a regarem simultaneamente

n = número de gotejadores, em cada linha

É indispensável existir na instalação um filtro depois do adubador, para reter substâncias existentes no adubo que eventualmente possam entupir os gotejadores.

Ainda não é possível aplicar a fertilização orgânica na rega gota-a-gota, como se utiliza no caso da rega por aspersão, dada a existência de substâncias sólidas no chorume e no estrume triturado, que provocam o entupimento das tubagens e a obstrução dos gotejadores.

CALIBRADORES DE FRUTA GREEFA

CALIBRADOR A3 / AM



PORMENOR DE QUEDA DE CALIBRADOR POR PÊSO



DESCARREGADOR E ELEVADOR



CALIBRADOR POR PÊSO 4 LINHAS



TAÇAS DE CALIBRE POR PÊSO



PRÉ-CALIBRADOR



SISTEMA "TRAY-PACKING"

TELEF. 044/81 23 22
FAX 044/81 23 02
TELEX 43811

SONDECA

APARTADO 12
PARCEIROS
2401 LEIRIA CODEX

(Continua no próximo número)

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Campeonato Regional da 1.ª Divisão da A.F. de Braga.

Últimos Resultados:

FÃO, 2 - ANTAS, 0; REALENSE, 0 - FÃO, 1; RIBEIRÃO, 1 - FÃO, 2; FÃO, 1 - PRADO, 1.

No número anterior, quando dissemos que esperávamos e desejávamos que a 2.ª volta do campeonato fosse mais positiva, depois de analisarmos o comportamento da equipa na primeira metade da prova, estávamos convictos de que algo ia mudar pois os jogadores que compõem o plantel (e que na sua maioria já vêm da época passada) têm valor suficiente para operar essa reviravolta.

E assim, após realizar seis jogos desta segunda metade, da prova, o clube de futebol de Fão conquistou dez pontos, através de quatro vitórias e dois empates.

Se compararmos este brilhante recomeço com os treze pontos correspondentes aos quinze jogos da primeira volta, podemos constatar que a esperada mudança é uma realidade.

E temos de realçar que nestas seis jornadas, nas três realizadas fora de casa foram conseguidos cinco pontos, e no empate a dois golos em Águias da Graça (1.º classificado) e na vitória por dois a um em Ribeirão (2.º classificado) ficou demonstrado o valor dos elementos que a equipa possui.

E por tudo isto é que neste momento a classificação de sétimo é mais condizente com o valor da mesma, ao contrário do modesto lugar que ocupava no final da 1.ª volta.

Devido ao atraso pontual em relação aos três primeiros, a que se chegou nesse período do campeonato, pensámos (que mesmo com este início excelente da 2.ª volta) talvez o 4.º lugar seja o melhor que o grupo conseguirá. E dizemos «talvez?» porque em futebol tudo é possível.

Outro pormenor a salientar neste melhoramento da equipa foi a aquisição do novo avançado, um excelente jogador que trouxe outra dinâmica ao sector atacante e que se manifestou em todo o grupo.

CANOAGEM

Em Melres (Rio Douro) disputou-se um control internacional em que participaram três canoístas juniores do Náutico de Fão: Belmiro Penetra, Luis Pedro Sousa e Luis Faria.

Vamos aqui salientar o que lemos em dois jornais diários, na apreciação do comportamento dos atletas portugueses em confronto com os estrangeiros. Em um deles o repórter fazia o seguinte comentário:

Em segundo lugar, a dois segundos do vencedor (José Garcia) ficou o Júnior do Náutico de Fão, Belmiro Penetra, um fenómeno na Canoagem Portuguesa.

Também na Rádio de Esposende, num programa desportivo para o qual foi convidado o Náutico de Fão, ouvimos com muito agrado o Presidente do mesmo, Né Vieira, salientar o quanto de positivo esta colectividade tem feito em prol da actividade desportiva para a juventude desta terra, e o quanto de ajudas necessita para fazer mais e continuar na senda dos êxitos que tanto tem prestigiado o nome de Fão. Também presentes estiveram os atletas Belmiro Penetra e Luis Pedro Sousa que aproveitaram a ocasião para darem mais uma agradável notícia: é que integrados na Selecção Nacional irão participar em provas a disputar em Sevilha.

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dina de Vilelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cirna n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fanguero» através dos Correios será por conta do assinante.

ESPÍRITO DA CARNE

Por ZÉ DA NOCA

I

*Ó alma do meu corpo
a quem terias pertencido
se ele nasceu quase morto,
com o espírito adoecendo
e o físico adoecido?*

II

*Quem escolheu neste mundo
tanta matéria vegetada
para s'infiltrar tão fundo?...
E meu «ego» corrompendo
deixando-me a vida desgraçada?*

III

*Em doença transformar
todo o tamanho que é
e aos bocados acabar,
eternamente suportando...
todo o mal que o mundo vê!*

IV

*Ó mau espírito atormentado
vil carne de vivo morto,
ó mau viver tão abismado
no cruel abismo do terror
sem um caixão por conforto?!...*

V

*Navegas em tempestades
maremotos, tornados e furacões.
Atormentas as divindades
e inflamas o lume vivo
nas labaredas dos tições.*

Convite para o Amor

Um dia destes, aliás, uma noite destas, o prof. Elias Cardoso fazia o seu habitual passeio digestivo. Ao passar junto às escolas Amorim Campos, surge-lhe uma jovem vestida de branco (influência da Tieta) que se amarra à roupa do nosso amigo e insistentemente, suplicantemente, pede-lhe para a acompanhar até aos fundos do quintal. Com certeza que não era para rezar.

O certo é que este nosso conterrâneo chegou a casa com a camisa toda rota.

O prof. Elias tem sido muito cumprimentado por ter provocado tais apetências.

TRIÂNGULO JOTA
UMA COLEÇÃO NOVA
PARA GENTE NOVA

EDIÇÕES ASA

UMA HISTÓRIA EM VEZ DE UM CONTO

RETIDO NA TIPOGRAFIA POR FALTA DE ESPAÇO

É tradição de muitos jornais apresentar um conto de Natal por esta altura. Muitas vezes vezes não passam da efabulação de qualquer acontecimento ocorrido nos saudosos tempos da meninice acrescentado de uns afloramentos que lhe conferem um curso narrativo aliciante e um desfecho que agrada também ao leitor.

Por nós não ousamos singrar pela via ficcionista, já que para isso nos falta o jeito. Aconteceu entretanto que o correio nos trouxe o jornal «O Despertar», de Coimbra, e calhou de vermos na primeira página o nome e o retrato de um dos nossos professores dos tempos de estudante que ministrava Antiguidade Oriental, Antiguidade Clássica e História Moderna. Mário Brandão é o seu nome que gerações e gerações de escolares conheceram.

Pois ainda é vivo, embora transporte com ele 90 anos já cumpridos. Era um professor sério, um tanto monocórdio, que preferia uma história factível e personalizada em detrimento de uma história matematizada ou, se quiserem, estatística.

Ora, com este Professor aconteceu-nos viver um episódio que ainda hoje nos faz sorrir, mas que no decurso da sua ocorrência nos fez rir porventura até demasiadamente. Foi na fase dos trabalhos da licenciatura. Como ainda é bem lembrado, naqueles tempo, vinte e tantos anos atrás, o curso de Letras não terminava com a última cadeira como acontece agora. Depois de efectuadas as disciplinas todas, era preciso apresentar uma tese e tornar a fazer exames das principais disciplinas mas já a nível de licenciatura. Um tormento.

O esquema em geral era o seguinte: o aluno terminava o curso e ia de seguida dar aulas. Ao fim de um, dois ou demais anos, requeria exame de formatura para o qual se preparava afincadamente. Essa preparação, efectuada em conjunto, realizava-se num dos cafés da cidade mondegueña onde a malta se reunia de manhã, à tarde e à noite.

O grupo de Histórico-Filosóficas desse Outubro distante reunia-se no Café Internacional. Lembra-nos como se fosse hoje. Era uma tarde de Outono. No dia seguinte fomos fazer História Moderna cujo professor, o já citado Mário Brandão, tinha uma mania curiosa: ao examinar-nos, não olhava de frente. Virava-se para o professor do lado e era como se estivesse a falar com ele. E não só. Em cada dez palavras que pronunciasse, incluía a preposição *pois*. Mas não pronunciava a palavra com exactidão coimbrã. Dizia *poith* com uma terminação que não era o *s*, mas um misto de *th*, pronunciado à inglesa: *three*. Era como Oeta em grego.

E para que raio nos havia de dar nessa tarde? Tentámos dizer o *pois* da mesma maneira que o professor o pronunciava. Estivemos neste jogo mais de uma hora. Adivinham-se as risotas, os aplausos e as frustrações.

No dia seguinte lá nos apresentámos ao júri. É preciso dizer que aqueles momentos eram demasiado tensos. O nosso futuro, ou mais concretamente, a admissão ao estágio não se podia conseguir sem o exame de licenciatura. Acontecia, com uma frequência que já era lei, que ao fim de duas provas prestadas, um dos professores do júri vinha ter com um ou dois formandos e dizia-lhe mais ou menos isto: «Tenho muita pena do que lhe

vou dizer mas os seus exames não correram muito bem e nós aconselhámo-lo a desistir para não o reprovar».

Era uma expectativa trágica aquela. A imagem que retemos desses grupos, situados nesse preciso momento, era comparável, salvo as devidas distâncias, aos tempos de criança, quando visitávamos o Matadouro nos dias de abate. O Valdemar aproximava-se das reses que iam ser mortas e desferia uma potente martelada que as deixava inertes no chão. As outras ficavam tensas como que adivinhando o que lhes ia acontecer.

Os licenciandos também esperavam demasiado nervosos que um dos professores sáfsse da sala, antes de se iniciarem as provas, para aconselhar alguns deles a desistir. Estamos a lembrar um colega que dava aulas em Almada e viera prestar provas a Coimbra. Naquele tempo isso era frequente. A malta de Lisboa, quer dizer a que tirava o curso em Lisboa e que reprovava no exame de licenciatura, vinha com frequência a Coimbra tentar o exame final. Eles eram mais fortes em História e nós porventura éramos superiores em Filosofia. Para se prepararem melhor, agregavam, ou seja, pediam a ajuda de um colega coimbrão. Aconteceu que nós, depois de terminado o curso, permanecemos mais um ano na Lusa Atenas, preparando-nos para a licenciatura e era muito frequente virer ter conosco colegas de Lisboa «recomendados» pelo bedel Borges, que tinha substituído o eterno Cruz, e que sabia da nossa disponibilidade. A nós também nos fazia jeito, pois fomos ganhando calo para quando chegasse o «júfzo final».

Lá ajudámos esse colega, trabalhando de manhã, à tarde e à noite com ele. No dia da primeira prova, que era Lógica se não nos enganamos, comparecemos na Faculdade para darmos o nosso apoio ao professor de Almada. Passaram-se as nove, nove e um quarto, nove e meia e o colega nada de aparecer. Corremos para o telefone e ligamos para o quarto do Hotel Avenida onde se hospedara.

- Então, não aparece porquê?
- É pá, não posso.
- Não pode?
- Não, esta noite fui mais de 20 vezes

ao quarto de banho e continuo a não poder dar um passo fora do hotel.

O medo, o temor, o receio acagaçaram-no e ele não teve outro recurso se não aparecer no ano seguinte.

Perante esta ambiência sincrónica e diacrónica, lá nos sentámos para defrontarmos o homem do *poith*. Começa o Prof. Mário Brandão a interrogar-nos e logo uma catadupa dos malditos *poiths* salta sobre a mesa. Olhámos de soslaio para a porta de entrada e deparámos com os colegas, lá fora, perdidos de riso. Isto fez-nos lembrar de imediato a cena de véspera e o medo varreu-se de nós como que por encanto. Desatámos então a rir, a rir, também perdidamente mal conseguindo disfarçar com as mãos à frente da cara o estado em que nos encontrávamos. A nossa sorte foi que o Professor, fiel aos seus hábitos virara-se para o professor do lado a

quem explicava pormenores dos casos inquiridos. Nós fomos respondendo com parcos monossílabos.

A certa altura o assistente de Psicologia, dr. Ferreira da Silva, levantou-se e saiu da sala. Virou-se para os nossos colegas e, preocupado, disse-lhes: «O S. deve estar maluco. Está engasgado de riso e o Professor pode tramá-lo».

Os colegas — contaram-nos depois — explicaram-lhe a razão das gargalhadas e ele achou imensa graça, pois o «defeito» já era conhecido por toda a gente. Não teve coragem de entrar de novo na sala durante o nosso interrogatório. Nós a rir por um lado e ele, no outro lado da «bancada», a rir também, ia ser o fim. A coisa entretanto amainou, o facto de ser o último exame dava-nos uma certa segurança e o interrogatório chegou ao fim. Demorara séculos.

ESPOSENDE

Faleceu em Esposende Belemino André Ribeiro, tipógrafo de profissão. Não foi, porém na arte de Gutenberg que este esposendense se distinguiu. Ele foi acima de tudo um artista, com especialidade no desenho a lápis e a carvão e no baixo relevo, sobretudo na talha doce. Foi ainda um autodidacta, com relevância para a procura de documentos antigos que se referissem à vila esposendense.

O Jornal de Esposende teve em Belemino Ribeiro um dos seus fundadores.

O Carnaval Em Esposende

Também Esposende criou o seu corso, com a contribuição de algumas escolas do Ensino Básico do concelho e do impulso da própria Câmara. Desta feita foram as escolas de Goios, Pinhote, Vila-Chã e Fonteboa quem pôs o Carnaval na rua.

Alguns carros e muitas crianças faziam a festa. As piadas não faltaram ao Hospital, à Escola, à telenovela brasileira. A população divertiu-se, mas o frio que se fazia sentir aliagrou um pouco a duração do cortejo.

GRALHAS

Do Esposendense de 3 de Outubro de 1907 respigamos a seguinte notícia.

«Lastimo que a minha primeira crónica não merecesse mais atenção ao compositor. E eu que tinha em vista não asneiar em público mais que o razoável... Raíto o partam».

Nota: Pelos vistos as gralhas são animais de longo passado. Aquela do nou hou atirou-nos à valeta...

O NOVO
FANGUEIRO
FÃO

EDICIONES ASA